

44
203
11

PRATICAS,

QUE NOS DOUS ACTOS DE CORTES

QUE

ELREY N. S.

Mandou convocar, & se celebráraõ na Cidade de Lisboa em o 1. & 4. de Dezembro de 1697.

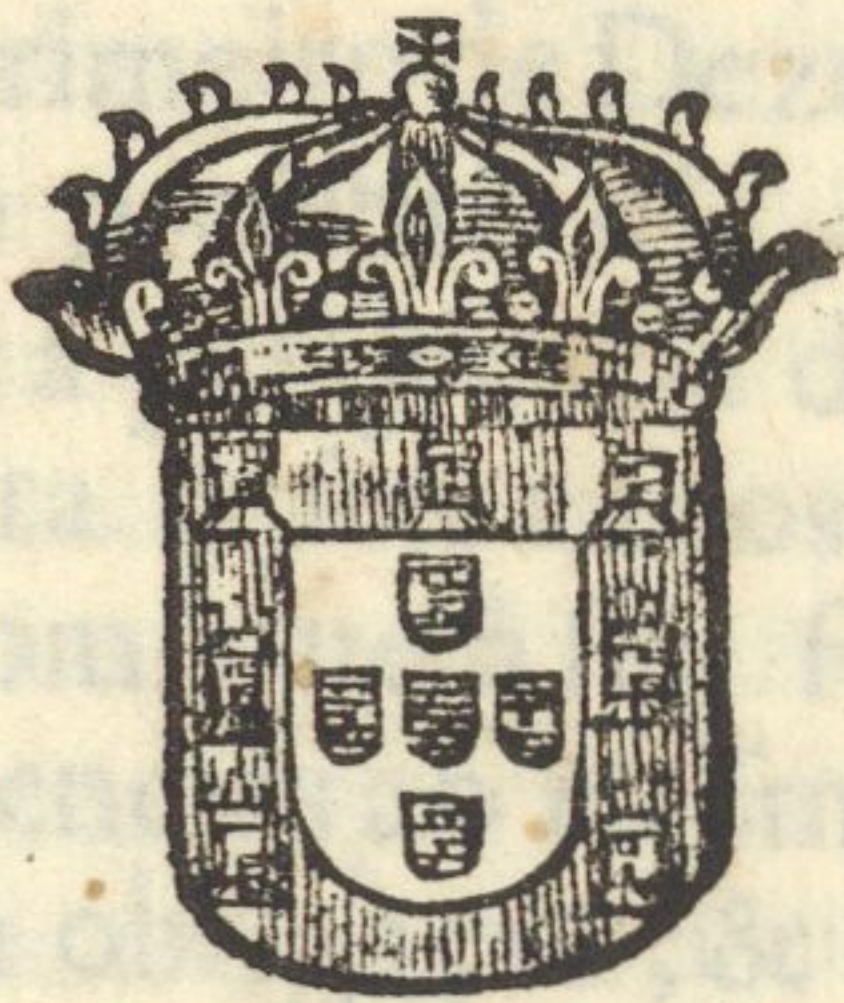
FEZ

O ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

DOM DIOGO

DA ANNUNCIACAO JUSTINIANO,

Arcebispo de Cranganor, do Conselho de Sua Magestade, &c.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DES LANDES,
Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1697.



COD. 11059/44

PRÁTICAS

QUE NOS DOUS ACTOS DE CORTES

QUE

ELRREYNS

Mandou convocar, & se celebraraõ na Cidade de Lisboa em o 1. & 4. de Dezembro de 1697.

FEZ

O ILLUSTRÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR

DOM DIOGO

DA ANNUNCIACÃO JUSTINIANO,

Arcebispo de Cranganor, do Conselho de Sua Magestade, &c.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESTAUNDES,
Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1697.





Pratica no Juramento do Principe Nosso Senhor.



E hum dia não fallára com outro dia , se hum nome não fora presagio de outro nome , bem pudèra presumir-se disposiçaõ fortuita do acaso , a uniaõ de tres corações em hum só corpo , com que os tres Estados de Portugal em reverente obsequio consagraõ a Sua Alteza a omenagem politica da sua fidelidade no sacrosanto rito , com que neste solemnissimo acto, mais por affecto , que por costume, juraõ ao Serenissimo Principe por Successor destes seus Reynos , depois dos largos annos de Sua Magestade, que para na Arithmetica do nosso desejo serem eternos, os principiamos hoje a contar em Sua Alteza multiplicados.

Oh se naquelle dia primeiro de Dezembro, cincoenta & sete annos predecessor do presente dia , onde Portugal restaurou o seu Cetro, pudesse a perspicacia dos olhos ver o seu Successor neste dia, cincoenta & sete annos depois ! Quanto seria maior o nosso jubilo , com que à sua futuridade consagrassemos já de entaõ as obediencias ao mesmo objecto , a quem hoje dedica o culto a nossa obrigaçaõ , & o nosso amor ? Entaõ sacrificamos os votos à cõtigencia de poder chegar aos netos a precisa obrigaçaõ do juramento ; hoje repetimos o juramento , porque venturosamente tiveraõ no Neto a execuçaõ as promessas , & o que no Avô principiou desejo, teve no Neto a execuçaõ de sacrificio.

As vassallagens daquelle dia não forão tanto tributo, com que ao Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ o IV. de gloriosa memoria, prometemos o sacramento da nossa fidelidade; quanto victima, em que prorompeo o desempenho da nossa divida, para repetir em S. A. o mesmo obsequio. Dedicámos entaõ o coração à gloriosa descendencia do nosso Reparador felicissimo: mas como a Providencia Divina regulava naquelle dia o nosso holocausto, dispoz que até o presente fosse S. A. o unico, que lhe succedesse com o soberano nome de Joaõ; para que entendesse o mundo na consonancia portentosa destes dous dias, & na conformidade gloriosa dos soberanos dous Atlantes deste grande nome, que o dia cincoenta & sete annos depois, fora o objecto por quem suspirara o dia cincoenta & sete annos primeiro; pois tem tal proporção o Avô, & o Neto, que adoramos no Neto o mesmo D. Joaõ, que já venerámos no Avô; no Avô a sombra, no Neto a luz; no Neto o Zenit, no Avô o Oriente; no Avô a voz, no Neto o echo; no Neto o complemento, no Avô a profecia; no Avô finalmente a vespera, no Neto o dia. Por isso o Author da natureza, que com o curso do Sol reparte os mezes, & distingue os dias, dispoz que o primeiro de Dezembro do anno de quarenta fosse hum Sabbado, & hum Domingo o primeiro de Dezembro do corrente anno; para que nos persuadisse a experiencia, que assim como o Domingo he o dia, & o Sabbado a vespera, assim fora vespera deste glorioso Juramento aquella Acclamação gloriosa.

Pouco importaria para a nossa felicidade ter sido ditoso o primeiro dia de Dezembro, se terminando-se no Avô a omenagem, não chegasse ao Neto a obediencia; & verdadeiramente se diria de nós os Portuguezes, que tendo valor para intentar a maior empreza, que vio Europa, não tivemos fortuna para continuar a mesma empreza; que tendo brio para lançar a primeira pedra ao edificio, não tivemos a dita de coroar a obra; & que querendo tirar à fortuna as azas para voar mais alto o nosso pensamento, nos cortou as azas a mesma fortuna, para arruinar lastimosamente a nossa idéa. Mas graças ao Supremo

Senhor

Senhor dos Imperios, que para felicitar ao nosso Reyno, enlaçou estes dous dias, para que tantos annos depois pudessimos repetir em S. A. aquelle mesmo amor, com que já em semelhante dia, tantos annos primeiro, entregámos à sua Real Casa os affectos, & com elles os corações.

Se o laço triplicado difficilmente se rompe, tres laços deu a Providencia Divina a este dia, para que repetindo-se a nossa fugeição, já mais pudesse faltar a nossa fidelidade. Hum no primeiro de Dezembro do sempre suspirado anno de quarenta, quando com os vivas acclamamos a Magestade que está em gloria. Outro na incomparavel grandeza, com que Sua Magestade no sempre fausto dia 27. de Janeiro do memoravel anno de 68. nos fez a honra de podermos renovar na sua Real Pessoa, o que já tínhamos jurado no primeiro de Dezembro; dignando-se de nos receber na sua generosa protecção, para que na arca do seu amparo, qual outro Noe, não perigasse Portugal naquelle fatal diluvio, onde a nossa desgraça levava a naufragar a sua grandeza. Outro laço finalmente he o acto deste grande, & alegre dia; mas taõ apertados com o primeiro de Dezembro estes tres laços, que elle sempre será o felicissimo extremo destes tres vinculos.

Tres juramentos consagramos a S. A. em hum só juramento, para que a triplicidade do laço possa eternizar a singularidade do vinculo, com que a seus Reaes pés nos ata a omenagem, que hoje nos prende; & para este fim, sendo S. A. hum só, o amor o dividio em tres, para que se impossibilite haver em Portugal laço, de cuja uniaõ não seja S. A. o extremo. No primeiro juramento juramos no Avô a S. A. sem ainda ter S. A. Pay. No segundo juramos no Pay a S. A. sem ainda S. A. ser Filho. No terceiro, sendo já Filho, juramos, depois do Pay, a S. A. São porêm taõ gloriosos os extremos destes tres juramentos, que não obstante a diversidade dos annos, onde se termináraõ os tres vinculos deste amoroso laço, todos terão sempre no primeiro de Dezembro a raiz fecunda da sua soberania, não menos, que a linha no ponto, a pedra no centro, o fogo no ar, & a agua na terra.

Affim

Assim como os Imperios tem dias criticos, & como taes perigosos, assim tambem tem dias felices os Imperios: estes são aquelles, que na duraçã das Monarchias foraõ destinados para as emprezas mais gloriosas, sem que já mais successo, que não fosse prospero, podesse acontecer em semelhante dia. Tal foi para os Hebreos o dia 14. de Março: para os Arabios, & Damascenos o dia 21. do mesmo mez: para os Athenienses o dia 22. de Junho: para os Castelhanos o dia 16. de Julho: para os Romanos o dia 1. de Agosto: para os Asianos o dia 23. de Setembro: & para nós os Portuguezes tal foi antiguamente o dia 25. de Julho, & o dia 14. de Agosto. O dia 25. de Julho; porque nesse dia principiou o Reyno de Portugal no Campo de Ourique. O dia 14. de Agosto; porque na Campanha de Aljubarrota, & nos muros de Ceuta sujeitamos a Africa, & vencemos Castella: & se até entã o dia 1. de Dezembro não foi o theatro das nossas felicidades, he porque para a decimasexta geraçã do Serenissimo Senhor Rey Dom Affonso I. estava reservada esta gloria; para que com o seu nome em Lisboa sahisse Portugal do jugo de Castella com muito maior excessõ, que da oppressã dos Mouros no Campo de Ourique, & na Aljubarrota da injusta pertençaõ dos Castelhanos; porque se no primeiro theatro de nossas glorias treze mil Portuguezes souberãõ vencer a vinte Reys, & em cada hum delles desbaratar oitenta mil Mouros; & na segunda Campanha de nossas felicidades no tempo do Inviçtissimo Senhor Rey D. Joãõ o Primeiro, com seis mil homens triunfamos de trinta & seis mil: o Quarto Joãõ de Portugal com quarenta Portuguezes conquistou hum Reyno, ou para dizer melhor, com quarenta homens venceu hum mundo, pois não menos que hum mundo he hum só Portugal; & para q̃ no Quinto Joãõ possa renacer a felicidade do Quarto, a este dia reconheceremos sempre nas idades futuras pelo braço mais glorioso da nossa dita. Já mais o contaremos com pedra negra, porque repetindo annualmente o nosso júbilo, firmaremos à fortuna a sua roda, para que a sua inconstancia não possa já mais em semelhante dia trocar a alegria em tristeza, o

gosto

gosto em pezar, & o triunfo em despojo. E se os Egypcios, para fazerem os dias memoraveis, cravavaõ a roda à fortuna, para que o seu gyro não mudasse o ponto: nós para eternizar este dia, não cravaremos à fortuna a roda; mas para lhe impossibilitar a volta, lhe tiraremos o instrumento com que dá gyro o seu curso.

Tem V. A. hoje a seus pès nos tres Estados de Portugal, não só a Portugal, mas em Portugal tem todo o mundo, porque dandonos para o nascimento quatro palmos de terra a natureza, para o dominio nos deo todo o mundo, para o conquistar com a espada na mão o nosso braço; escrevendo em todo o globo da terra com a tinta do sangue das nossas veas o nome glorioso dos nossos Monarchas: & se Portugal atado nas faxas, só herdou duas Cidades, & o direito de tres Provincias, aonde nem ainda se reconhecia o seu nome: quando desatáraõ as mãos os Portuguezes, conquistáraõ por cada Provincia hũa parte do mundo; & porque do mundo conquistando hũa parte por cada Provincia, era pequeno trofeo para a sua grandeza, lá descobriraõ a quarta parte da terra, onde igualmente fosse repetido o seu nome, que temido o seu echo. Não se devia menor theatro a taõ grandes Principes, nem menor mappa a vassallos taõ grandes.

A omenagem dos Portuguezes, que Sua Magestade, que Deos guarde, por nos fazer mayor honra, manda confagrar a V. A. não he como a dos outros Reynos; porque quando nelles se juraõ os Principes, sómente se lhes offerece o dominio de Estados, & o governo de Provincias: mas como Portugal pelo mundo medio os Imperios, todo o mundo manda hoje confagrar Sua Magestade a V. A. porque à fugeiçaõ dos nossos Monarchas tributa adorações a Europa, jura fidelidade a Africa, rende obediencia a Asia, & dedica omenagem a America: & se no mundo ouvera noticia de mais terras, que das delineadas nos mappas, tem V. A. vassallos tam fieis, que navegariaõ novos mares, & caminhariaõ a novos climas, só para sacrificar a seus Reaes pès mais mundos. E se Alexandre suspirava, porque

que havendo mais mundo, não podia conquistar mais terra: os vassallos de V. A. chorão, porque não ha mais terra, para fazerem offerta de mais mundo a Principe tam soberano; porque a obediencia nos Portuguezes não he politica, mas affectuosa; não he servil, mas filial. Porque cada hum de nós de tal he subdito, que tambem he filho; & os nossos Monarchas além de serem Reys, costumão ser Pays.

Este he o justo, & devido obsequio, que o nosso Juramento deve tributar hoje a S. A. estando certo Sua Magestade, que se nos fora possível unirmonos neste acto, sem sermos chamados para este congresso, madrugaria tanto para a nossa diligencia esta exterior demonstração, que logo se uniria ao felicissimo dia 22. de Outubro, em que S. A. com o seu desejado Nascimento appareceo em o mundo para o fazer mais ditoso; porque não sofreria o nosso amor, que a natureza fosse mais apressada em nos dar tam heroico Principe, que o nosso affecto em jurar no mesmo instante aquella estreita obediencia, que já tínhamos jurado antes deste dia; mas não pode, não, o tempo tirarnos esta gloria, porque authenticamente temos provado, que ao mesmo tempo se anticipou o nosso amor; pois antes que S. A. fosse, já no glorioso Planeta, que nos influio esta felicidade, tínhamos igualmente adorado os seus rayos, que os seus effeitos; & antes que S. A. apparecesse Estrella predominante no nosso Emisferio, já nos tinha roubado os affectos nos dous soberanos Planetas, que produzirão tam brilhante Astro: ou para fallar com mais propriedade, não roubou S. A. os nossos affectos, pois os affectos, & o coração sempre foraõ de S. A. porque as altas prendas, que na sua Real Pessoa antes de nacido delineava a nossa esperanza, assim como hoje na experiencia, a pezar do lento curso da natureza, em seus tenros annos admiraõ o nosso juizo, assim possiveis já podiaõ arrebatat os nossos affectos para a venturosa entrega dos nossos animos; & se os nossos olhos em taõ poucos annos de flor vem já o pronostico de tantos frutos, lá virá o tempo, em que os frutos sejaõ mais que as flores; porque os quatro
gloriosos

gloriosos Predecessores, que com o soberano nome de Joaõ lhe precederãõ, todos se unirãõ em S. A. para a nossa fortuna. O Primeiro Joaõ lhe dará o valor, o Segundo a prudencia, o Terceiro a piedade, & o Quarto a ventura.

Nem menor excessõ deve a nossa obrigaçãõ (independente das heroicas prendas de S. A.) aos dous Planetas do nosso Firmamento; a hum, que he a Serenissima Rainha nossa Senhora; porq̃ fazendo de taõ longe o seu gyro para o nosso Orizõte, tem esmaltado o nosso Ceo com tantas Estrellas, que raro será o Reyno de Europa, em quem com o tempo não predominem os seus influxos. Outro, que he Sua Magestade, que Deos nos guarde, que com sua Real grandeza tem posto superiores dividas ao nosso agradecimento; pois concedendonos atè este dia a sua heroica Pessoa em si mesma para a nossa defensa, hoje se multiplica em dous para o nosso amparo, & não se satisfazendo com fazernos felices depois de seus largos annos, nos chama a Cortes para nos entregar herdeiro das suas virtudes, & fiel imitador de seus Reaes acertos, mandandonos, para mais empenhar a nossa obrigaçãõ, repetir hoje o mesmo, que à sua heroica posteridade tinhamos já offerecido primeiro, que em S. A. o vissemos retratado; & prevendo o nosso Monarcha já não podiamos fazer novo sacrificio, ordenou, que a solemnidade deste acto fosse nova cadea à nossa divida, para que se não pudesse repetir a victima, ao menos tivesse ainda altar o nosso coração para offerecer em novo holocausto o que já dedicamos noutro sacrificio, sendo nosso juramento não só obrigaçãõ da nossa fidelidade, mas tambem venturosa eleiçãõ do nosso amor; & se nos outros actos juramos, & não elegemos, neste porque elegemos, por isso juramos, para que das cinzas de hũa vassallagem, qual Feniz portentoso, pudesse renacer hũa nova obediencia.

Feniz verdadeiramente foi para Portugal Sua Magestade; porque do nosso Monarcha renaceo este Reyno. E foi mais unico o nosso Inviçtissimo Rey, que o mesmo Feniz, porque se este renace depois da morte, Sua Magestade na sua vida está

B

renacido,

renacido , & com tam glorioso timbre , que tirou ao Feniz a singularidade ; porque se o mundo já mais vio a dous Feniz juntos , a tres Feniz adoramos nòs hoje em aquelle throno a dous Feniz nacidos , que saõ Suas Altezas , & renacido outro Feniz , que he Sua Magestade. Hum dos Feniz naceo para renacer em a successão ; outro para defender qual Hercules a Portugal , pois ainda quasi no berço , tem já valor o braço para empunhar a espada , sendo aquelle estoque na sua meninice pronostico infallivel dos seus triunfos , em quem a Fè terá o escudo , & Portugal o reparo ; porque da primavera de seus annos hirá S. A. colhendo as flores , para que depois das cinzas tenha mais glorioso nascimento o Feniz em quem haõ de renacer as nossas felicidades. Em metamorfofi pois tam verdadeira , entre o nacer , & renacer do Feniz juramos de novo a S. A. como Feniz , que já naceo , & ao depois na successão renacerá ; & a Sua Magestade , que na successão de S. A. he Feniz renacido. A S. A. antes de renacer na posteridade , o juramos como Feniz nacido de V. Magestade ; para que viva , reyne , & triunfe depois de V. Magestade , como primorosa copia de original tam soberano. Triunfe , fazendo esquecer os Cyros entre os Persas , os Alexandres entre os Gregos , & entre os Romanos os Cesares. Reyne desde o lugar donde o Sol nace , até o lugar onde o Sol morre , para que assim domine em todo o mundo. Viva com duração tam larga , que os seus annos não se contem como os de Nestorio por seculos , mas que por eternidades se contem os seus annos.

VIVA , REYNE , E TRIUNFE.



Pratica no Acto de Proposiçãõ de Cortes.



Uatro vezes no faustissimo governo de Sua Magestade, que Deos guarde, tivemos a honra de nos congregar em sua Real presença na sembléa das Cortes. A primeira, quando os nossos clamores interrompêraõ o seu socego, para o nosso remedio obrigar a Sua Magestade a compor aquelle desconcerto, com que a natureza fez segundo, a quem a Providencia destinou para primeiro. A segunda, para supprir a nossa desconsolação em hũa flor a falta do fruto. A terceira, quando arrebatandonos de nõs mesmo a nossa desgraça, nos levou pelo mundo a peregrinar, para enxertarmos novo garfo na mais Real Arvore. A quarta finalmente, para que no felicissimo juramento de S. A. deposto já o nosso susto, tivessesmos a fortuna de tributar a hum Principe nosso a vassallagem da nossa obediencia; porque se o sangue o fez nosso Principe, o nascimento o fez Principe nosso.

Verdadeiramente, que considerada a fidelidade Portugueza, se não fora costume, poderiaõ parecer superfluas estas quatro honras, que da generosa mãõ de Sua Magestade recebemos na repetiçãõ destes quatro actos; porque não pôde o estreito vinculo do nosso juramento prender mais o nosso animo para a omenagem dos nossos Monarchas, que o apertado laço com que o nosso amor nos costuma unir aos nossos Reys.

Nestes quatro Congressos reconhece Sua Magestade, que

mais he o seu cuidado devedor do nosso affecto, que a sua diligencia acreedora á nossa foygeição, porque he natureza do nosso genio, ser mais prompta a nossa obediencia para a execuçaõ das Reaes ordens dos nossos Principes, que o seu mesmo decreto para dar impulso à nossa vontade.

A mercè porèm, que hoje nos faz Sua Magestade mandandonos convocar a Cortes neste dia, para prover o que mais convier a este seu Reyno, he divida em que a nossa conservaçaõ perpetuamente se confessará devedora à sua attençãõ gloriosa; pois o que nós deviamos pertender de Sua Magestade, vem a ser o mesmo, que Sua Magestade pertende de nós. Nas outras Cortes fez-nos Sua Magestade a honra de nos dar Rey; nestas quer-nos fazer a merce de nos dar Reyno. Nas outras segurou a Coroa na sua Real descendencia, nestas em cada hum de nós quer firmar o Cetro. Nas outras juramos obedecer, nestas aprendemos a mandar. Entaõ a conservaçaõ do Principe foi o fruto do nosso disvelo, hoje a conservaçaõ de cada hum de nós deve ser o nosso cuidado. Entaõ a obrigaçaõ da omenagem nos unio com o Monarcha, hoje o favor do Monarcha nos une a nós mesmos ao bem universal de todos; porque hoje nos manda convocar Sua Magestade para cada hum de nós tratar do seu bem particular; para que escolhendo, o que para o bem commum for melhor, fique interesse de todos a conservaçaõ de cada hum. O juramento faz do Rey, & do vassallo a mesma pessoa politica; & para Sua Magestade fazer dos tres Estados deste Reyno a mesma pessoa mystica, quer hoje, que unindo-se todos como se foraõ hum, cada hum se una como se fora todos.

As Cidades, & os Reynos fizeraõ-se do interesse particular unido ao bem commum. Em quanto os homens viviaõ cada hum comfigo, sobralhes húa cabana, & hum deserto: tanto que quizerãõ politicamente viver com todos, & conservar-se com muitos, o deserto converteu-se em Reyno, & a cabana em Palacio; & para aprenderem a conservar o que antes da uniaõ era seu, & não de outrem, ensayáraõ-se a defender o que era

era de outrem, como se fora seu; porque lhe mostrou a experiencia, que se não póde conservar a casa, quando se arruina a Cidade, & que se não póde defender a Cidade, quando se precipita o Reyno. A queda do monte arruina o valle, o precipicio da pedra derruba a estatua, & da dor da cabeça enferma o corpo.

O primeiro povoador de Cidades foi Caim, porque lhe ensinou o lume natural da razão, que para se segurar a si, melhor era defender-se com muitos, que amparar-se de hum só. Para o seu socego bastavalhe entã hum campo, & com tudo demarcou para o seu descanso hũa Cidade, porque já entã sabia, que he mais suave o sono quando muitos vigiaõ a quem dorme, que a segurança onde o mesmo, que ao letargo entrega os sentidos, deve ser o Argos, que invigile os perigos. Os elementos separados tem entre si opposiçaõ, mas para se conservarem atè os elementos se unem, porque nas entranhas do mar se conserva o fogo, & no centro da terra se fecha o ar. A jerarchia da alma he diferente da esfera do corpo, & para a conservaçaõ do todo, se une o corpo, & a alma. Se o todo se destroe, as partes não podem permanecer, porque as partes compuzeraõ o todo, & o todo compoem-se das partes.

Para a nossa conservaçaõ estamos seguros no vigilante cuidado de Sua Magestade, porque do seu acertadissimo governo foi a paz a primicia da nossa felicidade; mas se totalmente deixarmos a nossa conservaçaõ à sua Real diligencia, não he possivel, que permaneça sem ruina o Reyno, porque supposto que a conservaçaõ das Monarchias mais principalmente depende dos disvelos do Rey, que das atenções do vassallo; com tudo se se entrega todo o pezo à vigilancia do Principe, pestenejaõ os olhos, & enfraquecem as forças. Se a alma deixar de assistir ao corpo, se o corpo deixar de assistir à alma, se estas duas partes não se unirem para a conservaçaõ do todo, nem o todo se poderá conservar, nem as partes poderão permanecer. O Reyno he hum todo mystico de quem o Rey he a alma, & o vassallo o corpo; para a conservaçaõ do vassallo deve ser o soccorro,

do Rey o cuidado , & sem esta subalternada distribuição de ministerios, arruina-se a alma , & perde-se o corpo ; porque se destrõe o vassallo , & com elle o Rey. Abrazou-se Troya em hũa noite , porque cansados os Troyanos com o trabalho da guerra adormecèraõ todos, & só Priamo vigiava, quando os demais dormiaõ , & do Rey só a vigilancia não he bastante atalaya do Reyno.

Sua Magestade sobre tudo ama o nosso focego , mas quer com a sua , & nossa cautela ter seguro o nosso descanso , & para que sem perigo do Reyno possaõ continuar os 28. annos de fono , em que descontamos os 28. annos de sentinella no tempo da guerra , convertendo em campos de Ceres as Campanhas de Marte , quer perpetuamente ter aberto o templo da Paz ; mas para que o nosso valor não perca o seu fogo , he necessario na paz conservar-lhe a chamma.

Não temos que temer, porq̃ o nosso valor nada sabe recear , mas sem prevenção costuma morrer de fraco o mesmo valor , & muitas vezes no ocio da paz degenera em tímido o mesmo, q̃ na guerra foi Marte esforçado. Hum Reyno com paz , & sem armas, tem a paz contingente. Hum Reyno com armas, & paz, tem a paz segura. A paz sem armas deixa sempre o coração com o susto do que será , as armas com a paz desterraõ o susto ; porque o que será, tem o seu contraveneno na prevenção. A paz sem armas deixa aos inimigos atrevidos , & aos amigos pouco respeitosos ; as armas na paz, ao amigo, & inimigo fazem olhar com respeito.

Nero quando ainda não era cruel para aliviar os seus povos, quiz totalmente abolir a milicia , & porque hũa tal disposição era ruina inevitavel do seu Imperio , lhe pediu o Senado em nome do povo , que na paz continuasse a milicia da guerra. Duas vezes se armou Portugal como se tivera guerra , quando gozava da paz , hũa no tempo do Senhor Rey D. Joaõ o I. & no tempo do Senhor Rey D. Joaõ o II. outra , & esta prevenção cautelosa impossibilitou a rotura da guerra, estabeleceo a firmeza da paz.

Os perigos futuros de que na paz a inadvertencia faz pouco caso por evitar o dispendio, que os povos julgaõ superfluos, quando menos se esperaõ, entaõ se padecem, & impossibilitando o remedio se convertem em mal lamentavel para a ruina, & o que na prevençaõ tinha remedio, no descuido já não tem cura. Quem na serenidade da bonança se não aparelha para a tormenta, naufraga na tempestade. Quem na saude não prevenio a doença para evitar o achaque, enferma de morte. Quem antes de ouvir o trovão se não acautelou pará o rayo, pouco lhe importa do trovão o aviso. Quem não sabe conhecer o perigo, paga no seu descuido o atrevimento da sua ousadia. Quem finalmente não penetra, que os estendartes da paz podem com o vento mudar-se em bandeiras de guerra, perece na guerra, quando espera a paz.

Em paz estavaõ os Sabinos, & os Romanos, & porque se não acautelaraõ de duas pedras unidas no monte Aventino, que ainda naquelle tempo se não podiaõ chamar fortaleza, experimentaraõ o maior risco, quando se consideravaõ na segurança maior; porque os clamores das trombetas com que os Romanos chamavaõ aos vizinhos para o espectaculo de sumptuosas festas, foraõ clarins, que aos Sabinos intimáraõ a mais dura guerra; & as pedras que entaõ levantavaõ os Romanos para esculpir nellas a sua amizade, saõ hoje obelisco onde a posteridade lê estes exemplos.

A nossa cautela não offende a nossa amizade, nem o tratar da nossa conservaçaõ póde fazer suspeitosa a nossa fè, porque não he invadir o estranho, reparar o proprio, nem he diminuir o poder alheyo, dar vigor às proprias forças, & o prevenir os accidentes não he desafiar os acafos. O engrossar o mar a sua enchente para se lhe não vadear a sua altura, he próvida cautela com que segura a conservaçaõ dos seus segredos. O endurecer-se a terra em o Veraõ, he prevençaõ, para que no Inverno a não penetre o diluvio. O subirem as exhalações invisiveis ao Ceo, he preparar os seus rayos para quem quizer desinquiatar o seu socego.

He

He a materia da conservação propria, de si mesma tam persuasiva, que para se conservar cada hum, se deve persuadir a si mesmo, & para cada hum comprar o seu descanso, todos devem concorrer com o preço do seu socego: conservarem-se os Estados não he negocio que tem nas palavras o fundamento, só nas obras se segura este edificio, & quem com as palavras se quer conservar, na area levanta o Castello para ter a sua conservação a permanencia. Os Reys, & os vassallos devem concorrer para a conservação do Reyno, os vassallos com o dispendio, os Reys com o cuidado, & o que cada hum applicar para a sua conservação, a si o applica, & comfigo o dispende. Os erarios dos Reys são o thesouro dos subditos, & os bens dos subditos são os thesouros dos Reys. As nossas contribuições são os cabedaes do Reyno, & o Reyno não se conserva sem cabedaes; & aquella providencia com que a natureza na necessidade particular deu a cada hum o dominio, para se valer do que era alheyo como se fosse proprio, concedeo a politica, & a natureza na necessidade commua, porque o do particular para a conservação de todos, he de todos, & não do particular. Sò o que na conservação se dispende se não perde: por isso a agua, que todos os dias por contribuição liberalmente offerem as fontes ao mar, a não perdem as fontes, porque restituídas aos rios se entregão de novo às fontes: & aquella pergunta com que a curiosidade podia indagar, para que era no mar tanto receber, se tudo se havia de restituir; bastou saber-se, que era para a conservação, para que se cerrasse a boca à pergunta, & ao para que a razão.

Nenhã cousa podia parecer mais superflua, que o edificio daquella Torre, que mandou levantar o primeiro Rey, que teve o mundo, Nembrod, ou Belo, porque até o seu tempo, assim como o mundo ignorava a Marte, assim tambem não sabia o nome à guerra: porèm bastou declarar o Rey, que aquella Torre era a conservação do seu Imperio, para que todos os Assyrios concorressem por vinte & quatro annos com os cabedaes necessarios para se acabar aquella Fortaleza, onde tinha o seu funda-

fundamento a conservação daquelle Imperio. Bastou a experiencia do Diluvio, que foi para se acautelarem para a inundação, que poderia ser; & quando a vigilancia se quer prevenir para o que será, edifica-se a torre sem se perguntar o para que. Jupiter todos os instantes forjava rayos, & ninguem lhe perguntou já mais, para que enthesourava settas; porque o para que das settas só tem reposta depois que se empregão os rayos. O futuro he o cômmento do passado, & o preterito só se sabe bem em o futuro. Eolo tem cerrados os ventos para a occasião das tempestades, & contribuindo todos os quatro elementos para o vento a quem a cautela tem preparado no thesouro, nenhum dos elementos sabe, ou pertende saber o para que, ou para onde será o seu impulso; & quando esperavaõ hũa tempestade horrivel, experimentaõ hũa viração suave, com que se anima o fogo, se recrea a terra, & se serenaõ as aguas.

Das capas dos hombros formáraõ os vassallos de Jehû o seu throno, sem darem razãõ a hũa entrega tam prodiga: para que aprendessem os subditos dos Principes, que se para a sua conservação forem necessarias as proprias capas, estas devem ser o primeiro tributo, com que comprem os vassallos a sua segurança, sem esperar examinar a causa, porque se deve fazer offerta tam larga. Naõ estamos neste aperto, nem temos quem nos possa apertar para tam grande excesso, & quando fosse necessario segurar a nossa conservação por preço tam caro, temos Rey tam amante do nosso cômmodo, que primeiro cortaria a sua capa para a nossa defenfa, que para a oppressãõ tocasse o fio da nossa. Nem neste caso merecia Jehû maior demonstração que o nosso Monarcha, nem nõs concederíamos aos vassallos daquelle Rey estas ventagens, porque quando fosse necessario, não só dariamos as capas, mas nellas sacrificariamos o sangue, & a vida.

O primeiro Principe a quem adorou o mundo foi Adaõ, & para que tivesse o seu primeiro vestido, não havendo entãõ purpura, despirãõ os brutos a pelle, para lhe darem a opa; porque entãõ se veste o vassallo, quando para se vestir o Rey se des-

pe o subdito. A terra desentranha-se em frutos para a conservação do homem, porque lhe jurou as obediencias. As aguas despenhaõ-se em rios para a conservação do homem, porque lhe reconhecem superioridade. O fogo, sendo tam indomito, mantem-se em hum lenho para a conservação do homem, porque lhe protesta vassallagem. O ar fecha-se no peyto do homem para a sua conservação, porque quer provar a sua omenagem. E finalmente os brutos da terra, & as Aves do Ceo para a conservação do homem, de si lhe formão o sustento, porque são vassallos, & o homem Rey.

Larga experiencia tem Sua Magestade do nosso zelo, & do nosso amor, pois para o seu Real serviço somos hoje os mesmos Portuguezes, que já temos sido, unindonos todos com o seu parecer para a conservação de cada hum de nós. A natureza das Cortes he só para se tratar do bem commum, & assim viria a ser offensa de todos, se nellas o bem particular tivesse voto. Para o nosso bem, & para o nosso cõmodo temos Rey, que sempre nos ouve; para o bem commum não ha outro tempo mais q̃ o das Cortes, ou para o seu reparo, ou para o seu augmento. O bem commum tem sua monção particular, & quem perde a monção, além de lhe ser impossivel reparar o tempo, porque perdeo a monção, perdeo o tempo, & mais o remedio. A maior disgraca dos Reynos, he não se conhecerem nelles as monções; & o perderem-se, ainda he maior disgraca que o ignorarem-se; porque se a ignorancia hoje a não conheceo, à menhãa a poderá reparar; mas quem a perdeo, como a ha de reparar, se a occasião passa, & a fortuna voa?

Quem espera hoje fazer preza no rio da agua, que correo hontem, por mais que espere, a agua não chega, porque já hoje he preterito, o que devia ser futuro, & o que hontem já foi, hoje ainda se espera como coufa, que será. He precisa a nossa conservação? pois porque não applicaremos hoje a diligencia, que havemos de applicar à menhãa. Se à menhãa ha de ser, depois de muito conferir; porque sem conferir à menhãa, não será hoje? & o que à menhãa ha de ser violento, porque não será hoje

volun-

voluntario? O sangue, que para a conservação he necessario sair do corpo, porque não póde correr voluntario, he justo, que o fação sair violento, & não à disposição de quem o derrama, mas ao arbitrio de quem o regula. Se o sangue tivera discurso, de si mesmo se offerceria à sangria, sem o corpo levar a ferida. Para nos conservar he necessario o nosso sangue: temos Rey que por experiencia sabe a quantidade, que para a nossa conservação he precisa; offereçamoslhe o braço para levar voluntarios a sangria, porque a nós nos conserva o mesmo sangue que corre; & porque mais persuasão he offensa, que a proposição deste acto fará ao nosso amor, & ao nosso zelo, suspêdo maior exaggeração para a nossa obediencia, porque a Sua Magestade são publicas as demonstrações, com que em semelhante acto nos costumamos sacrificar a seu Real serviço.



COD.
11059-44



